

MÚSICA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS PARA A IMAGINAÇÃO, A LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA



MUSIC AND STORYTELLING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: PATHWAYS TO IMAGINATION, LANGUAGE, AND CHILD DEVELOPMENT

DANIELA JOCIANE SOUZA

Graduada em Licenciatura em Pedagogia. Professora de Educação Infantil. E-mail: daniporeumesma@hotmail.com. Telefone: (16) 99194-8076. Endereço: Rua Manuel Alves dos Santos, 32.

RESUMO

Este artigo discute a importância da música e da contação de histórias na Educação Infantil, compreendendo essas linguagens como experiências fundamentais para o desenvolvimento da imaginação, da oralidade, da escuta, da expressão corporal, da socialização e da construção de vínculos. O objetivo é refletir sobre como práticas musicais e narrativas podem integrar o cotidiano pedagógico de forma intencional, sensível e significativa, respeitando as infâncias e ampliando repertórios culturais. A pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentada em estudos sobre infância, linguagem, arte, literatura, música e desenvolvimento infantil. O texto aborda o papel do professor como mediador, a organização dos espaços, a escolha de repertórios, a participação das crianças e as possibilidades de articulação com projetos pedagógicos. Conclui-se que cantar, narrar, escutar, imaginar e brincar com palavras e sons são ações profundamente formativas, capazes de fortalecer a identidade, a criatividade e a aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Música; Contação de Histórias; Linguagem; Imaginação.

ABSTRACT

This article discusses the importance of music and storytelling in early childhood education, viewing these forms of expression as fundamental experiences for the development of imagination, oral communication,

listening skills, bodily expression, socialization, and the building of bonds. The aim is to reflect on how musical and narrative practices can be intentionally, sensitively, and meaningfully integrated into daily pedagogical routines, while respecting the nature of childhood and expanding cultural repertoires. This qualitative, bibliographic study is grounded in research on childhood, language, art, literature, music, and child development. The text addresses the teacher's role as a mediator, the organization of spaces, the selection of repertoires, children's participation, and possibilities for integration with pedagogical projects. It concludes that singing, storytelling, listening, imagining, and playing with words and sounds are deeply formative activities capable of strengthening children's identity, creativity, and learning.

Keywords: Early Childhood Education; Music; Storytelling; Language; Imagination.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é um território de descobertas, afetos, gestos, sons, palavras e imagens. Antes mesmo de dominar a leitura e a escrita convencionais, a criança lê o mundo pelo corpo, pela escuta, pelo olhar, pela brincadeira, pela música e pelas histórias que atravessam sua vida. Nesse contexto, a música e a contação de histórias ocupam lugar especial, pois aproximam linguagem, imaginação, memória, emoção e convivência.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da música e da contação de histórias na Educação Infantil, destacando suas contribuições para o desenvolvimento da criança e para a organização de práticas pedagógicas intencionais. A justificativa do estudo está na necessidade de valorizar essas linguagens não como simples passatempo ou preenchimento de rotina, mas como experiências formativas potentes, capazes de ampliar repertórios culturais e favorecer aprendizagens significativas.

O presente trabalho inicia discutindo a infância como tempo de linguagem e imaginação. Em seguida, aborda a música, a contação de histórias e o papel da mediação docente. Posteriormente, apresenta possibilidades de práticas pedagógicas integradas ao cotidiano escolar e aos projetos da turma. Por fim, reafirma que cantar e contar histórias são formas antigas e sempre novas de educar, porque tocam aquilo que a criança tem de mais vivo: sua capacidade de se encantar e produzir sentidos.

Metodologicamente, o artigo assume natureza qualitativa e bibliográfica, articulada à reflexão sobre práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. Não se trata de apresentar uma receita pronta, mas de organizar fundamentos, possibilidades e cuidados para que a escola transforme intenções em ações concretas. A discussão parte da compreensão de que a docência é um trabalho intelectual, ético e relacional, no qual o professor observa, escuta, registra, planeja, intervém e replaneja continuamente.

A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se porque os fenômenos educativos não podem ser reduzidos a números ou respostas rápidas. A escola é feita de pessoas, histórias, culturas, conflitos,

desejos, linguagens e tempos diferentes. Por isso, pensar a prática pedagógica exige sensibilidade para compreender o contexto e rigor para não abandonar a fundamentação teórica.

INFÂNCIA, LINGUAGEM E IMAGINAÇÃO

A infância não pode ser compreendida apenas como preparação para o futuro. A criança é sujeito do presente, capaz de sentir, pensar, criar, interpretar e participar da cultura. Na Educação Infantil, as aprendizagens acontecem por meio das interações e brincadeiras, em experiências que envolvem corpo, linguagem, imaginação, investigação e convivência. Por isso, práticas com música e histórias dialogam diretamente com a natureza da infância.

A linguagem da criança aparece em muitas formas: balbucios, gestos, danças, desenhos, silêncios, perguntas, cantigas, invenções de palavras, narrativas e brincadeiras simbólicas. Quando a escola oferece músicas e histórias de qualidade, ela amplia essas possibilidades expressivas. A criança aprende a escutar, esperar sua vez, repetir refrões, antecipar acontecimentos, criar personagens, perceber ritmo, organizar sequência temporal e nomear emoções.

A imaginação, muitas vezes tratada como algo menor, é uma força intelectual poderosa. Ao imaginar, a criança combina experiências, constrói hipóteses, elabora medos, experimenta papéis sociais e cria respostas para o mundo. Uma história bem contada pode abrir portas internas; uma música cantada em grupo pode criar pertencimento; uma cantiga repetida todos os dias pode oferecer segurança afetiva. O simples, quando bem-feito, tem uma elegância pedagógica que nenhuma parafernália substitui.

A escola precisa defender o direito da criança ao encantamento. Em tempos de pressa, telas rápidas e excesso de estímulos, a roda de história e a roda de música funcionam como pausas de humanidade. Ali, a criança escuta uma voz presente, acompanha um gesto, olha o colega, percebe o silêncio, ri junto e aprende que a palavra pode construir mundos.

A MÚSICA COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

A música acompanha a humanidade desde tempos antigos. Cantigas de ninar, brincadeiras de roda, parlendas, acalantos, hinos, festas populares e canções de trabalho mostram que cantar sempre foi uma forma de organizar vínculos, memórias e coletividades. Na Educação Infantil, a música não deve aparecer apenas como comando para guardar brinquedos ou fazer fila. Ela pode e deve ser experiência estética, cultural, corporal e cognitiva.

Ao cantar, a criança desenvolve percepção auditiva, ritmo, memória, atenção, respiração, coordenação motora e linguagem oral. Ao bater palmas, acompanhar uma pulsação, brincar com instrumentos, produzir sons com o corpo ou inventar letras, ela explora relações entre som, movimento e significado. A música também favorece a socialização, pois muitas propostas musicais exigem escuta do grupo, alternância, cooperação e participação coletiva.

O repertório musical precisa ser escolhido com cuidado. Cantigas tradicionais têm valor histórico e afetivo, mas devem ser analisadas criticamente quando trazem conteúdos violentos, discriminatórios ou inadequados. Ao mesmo tempo, é importante ampliar o repertório com músicas brasileiras, regionais,

indígenas, afro-brasileiras, populares, eruditas, instrumentais e contemporâneas, respeitando a diversidade cultural das crianças e de suas famílias.

A professora não precisa ser cantora profissional para trabalhar música. Precisa estar disponível para cantar, brincar, pesquisar repertórios, usar o corpo, explorar objetos sonoros e observar as respostas das crianças. Muitas vezes, a beleza está na voz real da educadora, com suas imperfeições e afeto. Criança pequena não pede show de auditório; pede presença.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO LEITORA

A contação de histórias é uma das práticas mais antigas de transmissão cultural. Antes da escrita, povos ensinavam valores, memórias, medos, esperanças e conhecimentos por meio da oralidade. Na escola, contar histórias mantém viva essa tradição e, ao mesmo tempo, prepara o caminho para a formação leitora. A criança que escuta histórias aprende que a palavra tem ritmo, suspense, humor, beleza e poder de criar imagens internas.

Na Educação Infantil, a leitura literária não depende da alfabetização formal. A criança lê imagens, expressões, entonações, repetições e gestos. Ela antecipa acontecimentos, reconhece personagens, faz perguntas, compara histórias com sua vida e inventa finais. Quando a professora lê ou conta com intencionalidade, ela apresenta a criança ao universo da literatura e fortalece a relação afetiva com os livros.

A mediação da história envolve escolhas importantes: qualidade do livro, diversidade de autores, ilustrações, temas, ritmo narrativo, adequação à faixa etária e possibilidade de diálogo com o grupo. A professora pode usar livro, fantoche, avental, caixa surpresa, objetos, sombras, imagens ou simplesmente a voz. O recurso ajuda, mas não substitui a presença narrativa. Uma boa história contada com alma segura a roda melhor que muito recurso caro sem intenção.

As histórias também ajudam a criança a elaborar emoções. Medo, ciúme, saudade, raiva, alegria, perda, amizade e coragem podem aparecer no campo simbólico, permitindo que a criança se aproxime desses sentimentos de forma protegida. Quando uma criança diz que o personagem ficou triste porque perdeu a mãe, ou que o monstro talvez estivesse sozinho, ela está pensando sobre si, sobre o outro e sobre a vida.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DE SONS, PALAVRAS E SENTIDOS

O papel do professor é essencial para que música e histórias não sejam reduzidas a atividades soltas. A mediação começa no planejamento: escolher repertórios, organizar espaços, prever materiais, pensar objetivos, acolher a participação das crianças e registrar observações. O professor atento percebe quem canta, quem observa em silêncio, quem se movimenta, quem repete palavras, quem cria novas versões e quem precisa de apoio para participar.

Durante a música, a professora pode variar intensidade, ritmo, pausa, repetição e movimento. Pode convidar as crianças a criarem sons de chuva, vento, animais, passos e emoções. Pode explorar instrumentos simples, como chocalhos, tambores, sementes, latas, palmas e pés. Pode relacionar a música a projetos sobre natureza, corpo, identidade, alimentação, festas populares ou histórias lidas.

Durante a contação, a professora pode fazer perguntas abertas: o que vocês acham que vai acontecer? Por que o personagem fez isso? Como ele está se sentindo? Essa história lembra alguma coisa da nossa vida? Essas perguntas não servem para testar a criança, mas para abrir pensamento. A roda de história não é prova oral, minha gente; é encontro de imaginações.

O registro pedagógico é outro ponto importante. Anotar falas das crianças, hipóteses, reações, brincadeiras posteriores e desenhos produzidos a partir das histórias permite acompanhar o desenvolvimento do grupo. Esses registros também mostram às famílias que música e história não são distração. São currículo vivo, linguagem em movimento e formação humana acontecendo diante dos olhos.

PRÁTICAS INTEGRADAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música e a contação de histórias podem estar presentes em diferentes momentos da rotina. Na acolhida, uma canção tranquila pode ajudar a criança a entrar no ritmo da escola. Na roda, uma música de chamada pode valorizar nomes e pertencimento. Após uma história, as crianças podem desenhar personagens, dramatizar cenas, criar finais alternativos, montar cenários, produzir sons ou relacionar a narrativa a uma investigação em andamento.

Em projetos sobre identidade, músicas que nomeiam partes do corpo, emoções, nomes e preferências podem dialogar com autorretratos e rodas de conversa. Em projetos sobre natureza, histórias sobre sementes, árvores, rios, animais e cuidado ambiental podem ser acompanhadas por sons da chuva, cantigas de plantio, exploração de sementes em chocalhos e registros do crescimento das plantas. Em projetos de artes, a música pode inspirar movimentos, pinturas, colagens e danças.

A inclusão também deve orientar essas práticas. Crianças com deficiência, autismo ou dificuldades de comunicação podem participar por gestos, olhar, movimentos, escolhas de objetos, comunicação alternativa, repetição de sons ou aproximação gradual. A professora precisa observar sinais de interesse e desconforto, ajustando volume, tempo, espaço e estímulos. Inclusão não é colocar todo mundo fazendo igual; é garantir que cada criança tenha caminho real de participação.

A participação das famílias enriquece o trabalho. Elas podem enviar cantigas de infância, histórias contadas pelos avós, músicas de sua cultura, livros preferidos e relatos de brincadeiras antigas. Quando a escola acolhe essas memórias, transforma o currículo em ponte entre gerações. A criança percebe que sua casa também tem saberes e que a escola respeita sua história.

Outra possibilidade é organizar pequenos saraus, rodas de leitura, teatro de fantoches, mala viajante, caixa de histórias, canto musical da sala e portfólios com registros das crianças. Essas ações não precisam ser luxuosas. Precisam ser bem pensadas, contínuas e afetuosas. Na Educação Infantil, o capricho pedagógico vale mais que cenário caro.

LITERATURA, CULTURA ORAL E MEMÓRIA AFETIVA

A literatura e a música aproximam a criança de diferentes tempos, lugares, modos de falar e formas de viver. Quando a professora canta uma cantiga tradicional, apresenta uma parlenda, lê um conto acumulativo ou narra uma história que ouviu na própria infância, ela não está apenas preenchendo

um momento da rotina. Está colocando a criança em contato com uma herança cultural que atravessa gerações e que pode ser ressignificada no cotidiano da escola.

Essa dimensão cultural é importante porque a Educação Infantil não pode se limitar a conteúdos fragmentados ou atividades isoladas. A criança aprende quando participa de práticas sociais reais, quando escuta narrativas, reconhece ritmos, experimenta palavras, observa gestos e percebe que sua história familiar também tem valor dentro da escola. As cantigas trazidas pelas famílias, os causos contados pelos avós, os livros escolhidos pelas crianças e as músicas presentes no território ampliam o repertório do grupo e fortalecem o sentimento de pertencimento.

Ao trabalhar com cultura oral, a professora também valoriza a memória coletiva. Parlendas, quadrinhas, trava-línguas, acalantos e brincadeiras cantadas constituem um patrimônio simbólico da infância brasileira. Muitas dessas produções nasceram fora dos livros, no chão dos quintais, nas ruas, nas rodas, nas festas e nas relações entre crianças e adultos. Ao entrar na escola, esse repertório não deve ser tratado como algo menor, mas como linguagem legítima, capaz de favorecer consciência sonora, expressividade, imaginação e convivência.

É necessário, porém, que essa valorização venha acompanhada de leitura crítica. Algumas músicas e histórias antigas carregam marcas de preconceito, violência, estereótipos de gênero, racismo ou exclusão. O papel da professora não é apagar a tradição, mas escolher com responsabilidade, adaptar quando necessário e promover conversas que respeitem as crianças. Tradição boa é tradição que cuida da vida. Aquilo que fere, diminui ou exclui precisa ser revisto com coragem pedagógica.

Nesse sentido, música e contação de histórias permitem articular passado e futuro. A escola preserva o que há de belo na cultura, mas também reinventa práticas para formar crianças mais sensíveis, participativas e abertas à diversidade. Assim, o trabalho pedagógico deixa de ser repetição mecânica e se torna criação consciente, fazendo da sala de aula um espaço onde memória, afeto e conhecimento caminham juntos.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS

A qualidade das experiências com música e histórias também depende da organização do espaço. Uma roda apertada, barulhenta ou sem intencionalidade pode dificultar a escuta e a participação. Por outro lado, um canto preparado com livros acessíveis, objetos sonoros, tecidos, fantoches, imagens, instrumentos simples e materiais não estruturados convida a criança a explorar, escolher e criar. O ambiente comunica o que a escola valoriza.

Na contação de histórias, pequenos elementos podem transformar a experiência: uma caixa surpresa, um tapete, uma mala literária, um fantoche, uma luz mais suave, uma música de abertura ou um objeto relacionado à narrativa. Esses recursos não substituem a qualidade do texto nem a mediação da professora, mas ajudam a construir atmosfera, expectativa e envolvimento. A criança pequena aprende com o corpo inteiro, e por isso o espaço precisa dialogar com os sentidos.

Na música, os materiais podem ser simples e potentes. Garrafas com sementes, latas, chocalhos, colheres de pau, tecidos, palmas, pés, voz e movimentos corporais permitem investigar timbre,

intensidade, duração, ritmo e silêncio. Não é preciso ter uma sala sofisticada para desenvolver um bom trabalho musical. É preciso intencionalidade, escuta e cuidado. A criatividade docente muitas vezes nasce justamente da capacidade de transformar o cotidiano em possibilidade pedagógica.

A disposição dos materiais deve favorecer autonomia. Quando os livros ficam ao alcance das crianças, elas podem escolher, folhear, recontar, comparar capas, observar ilustrações e criar narrativas próprias. Quando os instrumentos ou objetos sonoros são apresentados com combinados claros, o grupo aprende a usar, compartilhar e guardar. A organização do espaço, portanto, educa para a independência e para a responsabilidade coletiva.

Também é importante considerar a inclusão. Crianças com deficiência visual podem explorar livros com texturas, objetos concretos e sons; crianças com deficiência auditiva podem acompanhar histórias por imagens, Libras, expressões faciais e recursos visuais; crianças autistas podem se beneficiar de antecipação da rotina, objetos de referência e participação gradual. A proposta deve se adaptar à criança, e não o contrário. Esse ponto é básico, mas ainda precisa ser dito com firmeza.

AValiação, Registro e Continuidade do Processo

Na Educação Infantil, a avaliação não deve ser confundida com prova, classificação ou cobrança de desempenho. Avaliar é acompanhar processos, perceber avanços, identificar necessidades, registrar hipóteses e planejar novas mediações. Em experiências com música e contação de histórias, a aprendizagem aparece em detalhes: uma criança que começa a cantar junto, outra que antecipa o final da história, outra que cria uma fala para o personagem, outra que permanece mais tempo na roda.

Esses indícios precisam ser observados com atenção. A criança que ainda fala pouco pode participar pelo olhar, pelo movimento, pelo gesto ou pela escolha de um objeto. A criança que se agita durante a história talvez esteja demonstrando necessidade de outro tipo de mediação, de uma narrativa mais curta ou de uma participação corporal. A avaliação sensível não rotula. Ela interpreta, acolhe e reorganiza o percurso.

O registro pedagógico é ferramenta fundamental nesse processo. Fotografias, falas das crianças, desenhos, pequenas narrativas da professora, listas de repertórios trabalhados, registros de rodas e portfólios ajudam a tornar visível aquilo que, muitas vezes, passa despercebido na rotina. Quando bem utilizado, o registro não serve apenas para prestar contas. Ele ajuda a professora a pensar sobre sua prática e a planejar com mais coerência.

A continuidade também é essencial. Música e histórias não devem aparecer apenas em datas comemorativas ou momentos de improviso. Elas precisam compor a rotina, os projetos, as transições, as investigações e as brincadeiras. A criança precisa reencontrar repertórios, aprofundar vínculos com personagens, revisitar canções, comparar versões e construir memória de grupo. Sem continuidade, a experiência vira evento. Com continuidade, vira aprendizagem.

Por fim, avaliar essas práticas é também reconhecer o papel autoral da professora. A docência na Educação Infantil exige sensibilidade, estudo, observação, repertório e presença. Não se trata de seguir receitas prontas, mas de construir caminhos com o grupo real de crianças, em uma escola real, com

desafios reais. É nessa costura diária entre planejamento e escuta que música e contação de histórias revelam sua força formativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música e a contação de histórias são linguagens fundamentais na Educação Infantil porque dialogam com o modo como a criança conhece o mundo: brincando, escutando, repetindo, imaginando, perguntando, movendo o corpo e criando sentidos. O artigo mostrou que essas práticas não devem ser vistas como passatempo, mas como experiências pedagógicas capazes de favorecer linguagem, socialização, memória, criatividade, escuta, expressão e vínculo.

As discussões indicam que a intencionalidade docente é o que transforma uma canção ou uma história em aprendizagem significativa. A escolha do repertório, a mediação das perguntas, a organização dos espaços, o registro das falas infantis e a articulação com projetos da turma dão densidade ao trabalho. Também se destacou a importância da diversidade cultural, da inclusão e da participação das famílias no fortalecimento dessas experiências.

Conclui-se que cantar e contar histórias é uma forma ancestral e atual de educar. É tradição boa, daquelas que atravessam gerações, mas também é inovação quando ganha planejamento, escuta e autoria infantil. A escola que canta e conta histórias oferece às crianças mais do que atividades: oferece chão simbólico, asas de imaginação e palavras para habitar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2010.
- BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.